

# A experiência do Curso de Direitos Humanos para Secundaristas<sup>1</sup>

*Bianca Nascimento Battazza (FDRP-USP)*

*Claudia Elias Valente (FDRP-USP)*

*Laysi da Silva Zacarias (FDRP-USP)*

## **Resumo**

Como objetivo geral, o trabalho pretende discutir criticamente a experiência do Curso de Direitos Humanos para Secundaristas realizado pelo Núcleo de Assessoria Jurídica Popular de Ribeirão Preto (NAJURP) em uma escola pública de ensino médio.

Como objetivos específicos, buscamos analisar em que medida os temas propostos foram capazes de revelar como as temáticas desenvolvidas têm sido trabalhadas no contexto escolar, bem como a percepção dos estudantes para com estas. Por último, pretendemos ainda avaliar as potencialidades do diálogo entre grupos de extensão universitária e estudantes secundaristas de ensino público.

Utilizamos o método da pesquisa-ação, que consistiu na preparação e condução dos debates e dinâmicas com esses estudantes sobre temas que eles mesmos sugeriram previamente. Houve o registro das percepções do grupo por meio de cadernos de campo, bem como a gravação das reuniões para resgate posterior.

Por mais que as conclusões do grupo extensionista ainda estejam em andamento, é possível afirmar que há três eixos em que serão pautadas: as percepções dos estudantes sobre o curso, as percepções do grupo sobre o curso e sobre os estudantes, e as percepções do grupo sobre o seu próprio desenvolvimento. Houve um saldo positivo do diálogo entre os estudantes secundaristas e o grupo de extensão.

A relação entre o trabalho e grupo de trabalho 11 “Diálogos e fronteiras entre a antropologia e direitos humanos nas formações jurídicas” vai se perfazer no sentido de integrar a formação jurídica dos extensionistas que desenvolveram e conduziram os encontros. Conduzir discussões e dinâmicas sobre Direitos Humanos faz emergir a necessidade de se estreitar as distâncias entre antropologia e direito. É nesse sentido que a antropologia vai atualizar a formação jurídica, ampliando os espectros do âmbito jurídico que por si só é deficitário para se entender a realidade, o que faz com que a própria prática extensionista se transforme.

---

<sup>1</sup> V ENADIR, GT. 11 – Diálogos e fronteiras entre a antropologia e direitos humanos nas formações jurídicas.

## **Introdução**

O NAJURP, Núcleo de Assessoria Jurídica Popular, foi criado na Faculdade de Direito de Ribeirão Preto há mais de 5 anos como um projeto de extensão universitária de assessoria jurídica popular e educação em direitos. O grupo tem referenciado suas práticas em marcos teóricos e metodológicos que são comuns Assessorias Jurídicas Universitárias Populares (AJUPs ou SAJUs) que hoje estão presentes em Universidades de todo o Brasil. O NAJURP trabalhou no assessoramento de diversos grupos, entidades e Movimentos Sociais da cidade de Ribeirão Preto- SP, nos moldes de AJUP.

Assessorias Jurídicas Universitárias privilegiam suas práticas a destinatário que em geral são movimentos sociais, organizações comunitárias ou grupos sociais que apresentem situações de vulnerabilidade e, nesse contexto, o uso das ferramentas jurídicas será feito em prol da luta desses grupos sociais como uma intervenção política. As demandas que chegam para as assessorias têm dimensão coletiva e temas primordialmente ligados aos Direitos Humanos e suas violações. Outras características que depreendemos das assessorias quanto sua dinâmica interna são percepção crítica do direito, protagonismo discente quanto a organização e realização das ações e intenção de se ao máximo horizontalidade nas relações dos sujeitos envolvidos (SEVERI, 2016).

A partir das experiências de assessoramento do NAJURP com “O Caso dos Rolezinhos” (SEVERI, 2016) no primeiro semestre de 2015 e início de 2016, somadas àquelas provenientes da ocupação da escola Otoniel Mota da cidade de Ribeirão Preto, inserida no contexto de reorganização das escolas estaduais do estado de São Paulo, temos detectada as inúmeras violações de direitos a que estão submetidos os jovens da cidade, bem como a demanda crescente que eles nos apresentavam quanto a necessidade deles se apropriarem dos seus direitos bem como da linguagem jurídica.

A partir desse cenário de violação de direitos e a crescente demanda de organização e formação política dos jovens, vemos a emergência de pensarmos e executarmos, dentro do nosso objetivo de promover educação em direitos, um curso de direitos humanos para jovens, privilegiando os secundaristas.

## **Os Grupos Urbanos e a Antropologia**

A Antropologia é comumente relacionada ao estudo de sociedades chamadas simples, em sua maioria tribais ou provenientes do campo. O estudo antropológico de sociedades complexas, para Oliven (1995), no entanto, traz grande contribuição metodológica à análise social do espaço urbano-industrial, uma vez que evidencia processos sociais em que não há

uma sequência linear - daí sua complexidade. No entanto, esse objeto de pesquisa impõe uma série de dificuldades e limitações ao/a pesquisador/a, consequência da complexidade identificada por Oliven como decorrente da homogeneidade cultural.

A consequência disso é a dificuldade do estranhamento do/a antropólogo/a, já que o meio cultural dos grupos urbanos tende a ser o mesmo em face da massificação da cultura na cidade. Apesar da tendência à homogeneização da cultura dentre os grupos urbanos, o significado dos símbolos é diferente a depender do meio social que é objeto de estudo. Um dos desafios do/a pesquisador/a que se propõe a estudar esses agrupamentos é decifrar o significado desses símbolos e decodificar as relações sócio-culturais que emanam dessas diferenciações.

Pertinente ao campo e contexto abordado pelo presente artigo, o mesmo autor aponta a relevância da pesquisa antropológica nos espaços de lazer, e quão negligenciado esse campo de análise é, já que a maioria dos pesquisadores da área abordam apenas a categoria trabalho em seus estudos. O lazer, no entanto, também reflete as relações de trabalho e as interações do trabalhador com sua localidade.

No caso dos/das estudantes do Otoniel Mota, como abordaremos a seguir, o significado dos rolezinhos no contexto de alunos de uma escola pública no centro da cidade de Ribeirão Preto, próxima a um dos maiores centros consumeristas da cidade - o Shopping Santa Úrsula - se revela nas respostas às dinâmicas realizadas pelo NAJURP.

### **A Construção Do Curso**

Começamos a nos reunir com o objetivo de pensarmos o curso sabendo que seria nos moldes de educação em direitos, tendo por tema central a temática dos Direitos Humanos e que os destinatários seriam jovens secundaristas. Em seguida, a partir das experiências de assessoria e das demandas trazidas, elegemos alguns possíveis temas para abordarmos nos encontros do curso, quer sejam raça, sexualidade e participação política.

Fala-se *possíveis* temas uma vez que uma das diretrizes do assessoramento aqui disposto é trazer a horizontalidade das relações entre os sujeitos envolvidos para as nossas atuações. Dessa forma, priorizamos, para além das demandas que chegavam ao NAJURP, também saber dos destinatários imediatos suas demandas específicas. A ideia era que os jovens sentissem e experimentassem a construção o curso em conjunto com os membros e membras do NAJURP.

Foi escrito um projeto do curso que foi submetido para a avaliação e aprovação pela Comissão de Extensão da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP-USP), uma vez que

a ideia era institucionalizar o curso para conferir aos secundaristas um certificado que lhes permitisse algum título de experiência. Esse tipo de troca nos trabalhos de extensão nos moldes da assessoria jurídica popular é de grande importância para a interação do grupo com a coletividade assistida, uma vez que afasta o espectro do grupo assessorado como mero objeto de pesquisa e permite que a relação entre os dois pólos se dê de maneira mais equilibrada e com possibilidade de retorno real ao grupo, para além das experiências vividas durante as atividades.

Quando pensamos em quais escolas da cidade iríamos trabalhar, pensamos em privilegiar as de bairros periféricos por entendermos a carência pelos temas seria maior. Contudo, por ser uma primeira experiência, e por termos parcerias já consolidadas com a escola em questão, decidimos retomar essas parcerias. Por isso, a escola Otoniel Mota foi a primeira de Ribeirão Preto onde ofereceríamos o curso.

Fizemos a divulgação do curso na escola e nos debruçamos em delimitar os temas que seriam abordados. Das temáticas propostas pelo NAJURP, quando comparadas àquelas propostas pelos jovens estudantes da escola Otoniel Mota, vemos que “consumo” e “direito do trabalhador” era o único tópico que destoava dos que o nosso grupo já havia elencado. Talvez por ingenuidade, não conseguimos entender, em um primeiro momento, o motivo de tal tema específico ser eleito com a mesma importância dos outros supra citados para esses jovens. Devido a esse não entendimento a essas temáticas, elas não foram abordadas em nenhum dos dias de curso.

No total, foram quatro encontros onde cada encontro tinha membros específicos do grupo responsáveis quanto a execução e planejamento. O primeiro dia foi de introdução ao curso com uma dinâmica de Teatro do Oprimido conduzido pelo grupo teatral Canto dos Famintos, da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto- USP. O segundo dia trabalhou a temática sexualidade. Já no terceiro dia a temática proposta foi rolezinho e raça. Por fim, no quarto e último dia foi abordada a participação política.

### **O Primeiro Dia**

Assim que chegamos, por volta das 12h30 do dia 9 de março de 2017, o professor que nos colocou em contato com a diretoria para viabilizar o trabalho nos recebeu e avisou que havia disponível o anfiteatro. Passamos do corredor para o pátio, em direção à sala. O caminho que fizemos passava necessariamente pelo pátio e refeitório, que concentrava a maior parte dos estudantes, uma vez que aquele era o horário de almoço deles. O primeiro estranhamento aconteceu ali, quando identificaram pessoas diferentes naquele espaço, junto

ao professor. Não conseguimos identificar que tipo de estranhamento a gente causou naquele espaço. Talvez o anúncio de uma atividade promovida por estudantes da USP o tenha causado, já que, diferente de outras escolas que residem em bairros periféricos, o colégio em questão é privilegiado em relação ao acesso a informação sobre instituições de ensino superior.

O professor chamou alguns alunos que estavam no refeitório e no pátio para entrarem no anfiteatro e abriu a sala para nós. Logo identificamos um problema de espaço para a realização da dinâmica que estávamos pensando, já que o anfiteatro, de aproximadamente 100 lugares, tinha uma única área livre onde seria o lugar do/a professor/a ou palestrante, mas que possuía uma mesa de madeira retangular que impedia o prosseguimento da atividade. Afastamos a mesa para encostar na parede junto à lousa, mas mesmo assim o espaço nos limitava. Comunicamos o problema ao professor diante do nosso planejamento, propondo realizar a atividade no pátio do colégio. Sentimos um descontentamento por parte de alguns estudantes, já que o anfiteatro tinha ar condicionado e todos já estavam devidamente agasalhados. Mas não achamos que fosse só isso, já que o próprio professor também queria que as atividades fossem realizadas naquele espaço, mais “formal” (a formalidade gerava uma expectativa boa em relação a nós). Foi uma reação de espanto quando avisamos que queríamos que fosse no pátio, mesmo que a solicitação fosse prontamente atendida.

Havia por volta de 15 estudantes no anfiteatro, a maioria sentada no fundo da sala, de modo que se formaram alguns grupos, provavelmente compondo o mesmo grupo de amigos mais próximos. Quase não havia gente fora dos agrupamentos. Talvez esses agrupamentos suprissem um pouco do constrangimento próprio da idade, ou próprio de uma atividade que envolvia pessoas estranhas a eles, trazendo todo o peso da instituição que representávamos - não o NAJURP, mas a Universidade de São Paulo.

Não pressionamos para que se apresentassem. Deixamos que cada pessoa se sentisse à vontade para falar, e pouquíssimas falaram, a maioria só falava o nome. Para suprir esse vácuo na apresentação, colocamos a nossa proposta para o primeiro dia. Falamos que queríamos fugir da lógica de aula expositiva, “quebrar o gelo” do grupo com os alunos e, ao mesmo tempo, discutir algumas questões mais gerais.

Encaminhamos-nos ao pátio, que se localiza bem na parte central do colégio, para o início das dinâmicas daquele encontro. O grupo de teatro conduziu as atividades daquele momento em diante, explicando como elas seriam realizadas. A metodologia do Teatro do Oprimido, desenvolvida por Augusto Boal (1991), vislumbra o método utilizado sobretudo por Paulo Freire (1983), mas também por outros educadores populares, na busca por um meio

de realizar uma educação que tenha uma ambição emancipadora e que incentive a autonomia do movimento e do pensamento, não podendo ter uma sem a outra. Por isso, as técnicas de teatro são essenciais para um salto qualitativo nas experiências de educação popular, sendo um dos primados do Teatro do Oprimido a participação ativa do chamado espectador (BERGER, 2012).

Percebemos um grande desconforto dos estudantes com as dinâmicas no início, já que grande parte delas requeria certo contato físico com os demais colegas e com o grupo de teatro e pressupunha certa autonomia no movimento do corpo que a dinâmica da aula expositiva não permitia e acostumava uma linguagem corporal mecânica que nós, NAJURP, e os estudantes reproduzíamos. Foi um desafio para nosso grupo interagir, assim como para eles.

A segunda parte tocou no cerne do que queríamos discutir no curso: as violações de direitos humanos provocadas pela administração do Shopping Santa Úrsula e seus seguranças contra o grupo de jovens que participavam dos rolezinhos que aconteciam às quartas feiras nesse shopping center. Por falta de espaço, relataremos apenas uma parte da atividade denominada Dinâmica das Esculturas, em que o grupo de teatro pediu para que capturassem a cena de um dia de rolezinho em três atos: o ideal, o real e o percurso para que se chegasse de um dia real de rolezinho ao ideal.

No primeiro ato, eles tinham que capturar uma cena do que realmente acontece no rolezinho segundo a vivência deles, que participam periodicamente do evento. As cenas variavam desde passeios de casais pelo shopping, grupos tirando fotografias, brigas, até seguranças abordando os jovens. Um dos meninos que fazia dupla com o professor o moldou numa cena em que ele, o professor, o algemava. Esse mesmo menino, no segundo ato, da experiência ideal, fez com que o professor passasse de policial para garçom, que servia o garoto à mesa. É importante notar as diferenças das esculturas cujos escultores eram membros do NAJURP e aquelas em que só participavam os estudantes. No primeiro caso, foi possível identificar muito mais retratos de violência dos seguranças e da polícia, muito mais a identificação da prática à repressão do que o retrato dos próprios participantes do rolezinho.

No segundo ato, em que eles retratariam o ideal, além do caso que mencionamos, houve retratos de casais LGBT transitando pelo espaço do shopping, consumo de alimentos, amigos tirando fotografias e consumo de roupas pelos estudantes. Nessa parte da dinâmica, achamos por bem não envolver o NAJURP na atividade, para não influenciar os retratos dos grupos.

O terceiro e último ato, da transição, deveria retratar o percurso que deveria ser feito por eles para passarem do real para o ideal. Pudemos identificar uma forte culpabilização com relação à repressão que sofrem. Os atos envolvidos nessa parte retratavam cenas de consumo e passividade, e nenhuma envolveu atos da administração do shopping center para conter a violência.

Por fim, fizemos uma rápida discussão com eles sobre as conclusões da dinâmica. Algumas falas marcaram o fechamento do dia. Um dos jovens, disse que “Segurança, se a gente chegar para conversar, vai perguntar, “veio roubar o quê?”. Outra identificou que, quando a administração do shopping center em questão baixou uma norma administrativa que proibia a entrada de menores de 18 anos não acompanhados pelos pais, os seguranças não barravam todos. Segundo ela, eles “pegam pessoas de determinadas características e perguntam”. Portanto, foi possível ver que existe a consciência de que existe uma distinção deles com relação ao resto, mas que essas questões ainda precisam ser trabalhadas com o grupo.

## **O segundo dia**

O segundo dia do curso, com a temática LGBT, foi organizado por quatro membros do NAJURP. A ideia inicial era passar algum vídeo ou curta que abordasse a temática, e depois iniciar a discussão com alguns pontos levantados anteriormente.

Então, acabamos por escolher o curta “Eu não quero voltar sozinho”, de 17 minutos de duração. O curta foi dirigido por Daniel Ribeiro e mostra a descoberta do amor e do afeto entre dois jovens gays no ensino médio, com toda uma construção em cima do personagem principal, que também é cego.

Escolhemos o curta por retratar a temática da descoberta da sexualidade no ensino médio, situação que tem potencial semelhança com a dos jovens do curso.

O grupo de estudantes presentes era significativamente menor que o do primeiro dia, contando com cerca de onze alunos. As representantes do NAJURP que guiaram a discussão eram todas parte da comunidade LGBT, tendo se identificado como tal no início. A sala escolhida foi o auditório da escola, que contava com um telão para que ocorresse a projeção do filme.

Após deixarmos o vídeo aberto e pronto para iniciar, iniciamos o diálogo com eles falando da nossa proposta para o dia de ver o curta e debater depois. Perguntamos para eles quem já conhecia o curta e o vídeo e cerca de quatro meninas responderam que conheciam o filme e que tinham assistido; me pareceram bem empolgadas com a escolha.

Após a exibição, Joana, membro do NAJURP, inicia as falas e expõe porque escolhemos o curta: é o que teria mais a ver com a realidade dos estudantes participantes do curso, ao retratar o momento que é comum quando se está na escola: a descoberta da sexualidade. Segundo ela, o filme retrata isso de um modo muito fofo e bonito; mostra-se a ideia de que o trajeto da descoberta não necessariamente será um processo com momentos somente traumáticos.

Foi debatido também temas como as motivações e origens da LGBTfobia, e chegou-se a conclusão de que a igreja influenciava as pessoas a tal; houve ressalvas feita por uma secundarista no sentido de que a interpretação da religião dessas pessoas era errada.

Também se falou de situações semelhantes entre a escola do filme e a deles, com o destaque da LGBTfobia praticada tanto por alunos quanto pela instituição escolar, por meio de inspetoras que reprimiam o comportamento dos jovens e pela presente ausência de debates formativos, tanto dentro quanto fora de aula, sobre a temática LGBT.

Discutiu-se, ainda, a questão das peculiaridades da saúde sexual dos diversos segmentos de LGBTs e como não há preservativos adequados para relações sexuais entre mulheres, por exemplo. Nessa linha, ainda se falou da estigmatização, principalmente de homens gays, na época do surto da AIDS; comentou-se que o movimento LGBT tomou força na época para disseminar informações sobre a doença e desmistificá-la.

Para finalizar, foi perguntado se os jovens conheciam alguma movimentação LGBT e onde eles buscam informações sobre o tema, e a resposta dada por uma secundarista das mais ativas do dia disse que já foi em encontros de LGBTs e tende a sair com seus amigos que também fazem parte do grupo; demonstrou sentir falta de um espaço de discussão e mobilização, e também de lazer, onde pode expressar sua sexualidade sem estar vulnerável a sofrer diversas violências que ocorrem em boa parte dos espaços públicos frequentados por jovens.

Vários sujeitos, em suas falas, demonstraram grande consciência da situações aos quais LGBTs estão sujeitos, inclusive com algumas meninas falando de sua sexualidade enquanto lésbicas e dando diversos relatos de suas vivências. Demonstraram estar em um ambiente em que se sentiam seguras para conversar com o assunto, o que foi muito recompensador para os representantes do NAJURP presentes.

Observamos também que não foram todos os estudantes presentes que participaram ativamente da discussão, muitos deles preferiram somente observar. Também foi possível ver que a participação na discussão não era necessariamente atrelada a ser parte do movimento LGBT, o que, para nós, demonstrou interesse e conhecimento prévio sobre o tema.

### **O terceiro dia**

Nesse dia o curso foi ministrado em uma sala multimídia. A ideia era trabalhar inicialmente uma música. A música escolhida foi uma letra de Rap escrita por um estudante negro de doutorado da USP de Ribeirão Preto. Essa música foi escolhida devida a letra de que trata emblemática de que trata bem como o lugar de que fala o autor.

#### **INTRO (Abdias Nascimento)**

Essa é a nossa resposta aos racistas  
Àqueles que nos tem destituído  
àqueles que tem roubado, roubado as nossas tradições  
roubado os nossos deuses, roubado os nossos ancestrais  
roubado até mesmo a memória heróica daqueles que lutaram para que nós hoje pudéssemos ser livres.

#### **REFRÃO**

Pretos no topo  
É o Drama  
Favela Vive  
É o Drama  
Filhos da África  
É o Drama  
Zumbi-Dandara  
É o Drama  
Antítese iluminista  
Travando batalhas empíricas  
Contraopondo argumentos  
Impostos  
Por falhas interpretações da sua bíblia

#### **VERSO 1**

Sociedade permanece tão eurocentrista  
Deturpando o povo preto dentro das escolas  
A criança tem vergonha do cabelo crespo  
  
Não se vê representada em livros de história  
Negritude na trincheira  
Mandume  
Seguidores do nobre  
Abdias  
Nascimento de uma nova nação  
Pretos no topo, livres de algemas  
Quanto de nós terão que morrer  
Quanto outros irem pra prisão  
Pra você perceber que gozamos de menos prestígio e remuneração  
Conceito de raça aplicado na hierarquia da cor

Reforça a necessidade, resgate da diversidade... Nagô...

REFRÃO

VERSO 2

1911... João Batista de Lacerda  
Propõe uma nação mestiça  
Pelo fim dos pretos na terra  
Fim dos pretos no Brasil... no máximo de 100 anos  
Mas não contava que pretos e pretas seguíam se amando

A democracia racial é mito  
Usado para impedir nossa ascensão  
O que busco é compreensão como indivíduo  
Para que meu coletivo entenda a questão  
Não somos filhos de Cam  
Somos pura essência divina  
Descendente dos originais  
Nós não somos ovelhas perdidas  
Venha...  
E que se faça a insurreição  
Pra que não sejamos mais invisíveis  
Taca fogo na casa grande  
Eles nunca foram inatingíveis

E que sintam na pele o medo  
Que um dia sentimos do capitão do mato  
Assim como Kunta-Kinte  
Façamos do nome o nosso legado...

REFRÃO

FINAL (Abdias Nascimento)  
Nós estamos numa guerra  
Uma guerra que não fomos nós quem a deflagrou  
Uma guerra que não foi declarada por nós  
Mas pela classe dirigente deste país  
Pelos elites brancas que tem espoliado  
Não somente os descendentes africanos  
Mas todo este povo brasileiro

Ao analisarmos a letra da música temos que o autor trabalha diretamente com ativistas do movimento negro, a exemplo de Abdias do Nascimento que tem uma fala transcrita no início da música. Nessa fala, Abdias, em audiência pública, está, em nome do movimento negro, fazendo denúncias se fazendo da argumentação que hoje denominamos de apropriação cultural. Ainda no decorrer da letra vemos que o autor dialoga com figuras importantes da

história do povo negro Zumbi, Dandara e Kunta-Kinte. Ainda assim, a música traz muitos dados históricos quanto a escravidão dos negros que são de desconhecimento da maioria da população.

O autor da música é estudante de doutorado da USP de origem periférica e por isso se faz necessário destacar esse lugar de fala. O Rap é historicamente um gênero musical que parte da periferia trazendo denúncias sociais quanto a forma que a sociedade renega essas localidades. Hoje, por mais que sejam em um número ainda muito pequeno, temos nas Universidades Públicas e Privadas estudantes periféricos. O lugar de fala em que se insere esse autor vem mostrar justamente isso. O que vemos nessa letra são as implicações de se estar na academia e na periferia ao mesmo tempo.

O grupo de alunos neste dia era em sua maioria branca sendo deles apenas dois negros, as representantes do NAJURP que guiavam a dinâmica eram negras e militantes de movimento negro, tendo desde logo se identificado como tal.

Na sala multimídia, sentamos em roda, entregamos a letra da música impressa em um papel a reproduzimos no computador. Terminada a música, fizemos algumas perguntas para iniciarmos os debates. Neste momento, podemos observar que os estudantes estavam muito receosos, para não dizer com medo, em entrar no debate. Uma pergunta feita por um estudante branco, que refletia uma dúvida de todo grupo, era o questionamento de quem eram Dandara, Zumbi e Kunta-Kinte. Os estudantes que participaram desse dia relataram nunca terem tido conhecimento dessas figuras, muito menos em sala de aula. Essa constatação inclusive vai de encontro com preceitos da Lei Federal Nº 10.639/03 que tornou obrigatório o estudo da história de África e da luta negra no Brasil.

A participação dos estudantes nesse dia foi muito menor quando comparamos com os outros dias. Concluímos que tinham pouquíssimo conhecimento sobre questões raciais no Brasil, o que de fato os deixou em silêncio e receosos em dizer algo. Dado o exposto, vemos que o debate de gênero e LGBT tem tido um alcance e boa circulação, em detrimento dos assuntos raciais.

### **O quarto dia**

A dinâmica pensada para esse dia foi baseada em simular com os estudantes uma situação em que eles deveriam, em conjunto, elencar os problemas que eles identificavam na escola e deliberar sobre uma verba a ser destinada para melhoria da escola.

A dinâmica foi feita em um auditório, no início deste havia uma mesa retangular a frente de uma lousa. Os estudantes chegaram para iniciarmos o encontro, pedimos que eles

sentassem em torno dessa mesa, de pronto atenderam nosso pedido. Em um primeiro momento, explicamos a dinâmica. Dissemos que eles deveriam, em conjunto, identificar os problemas que a escola tinha e que eles ganharam 100 reais, doados pelo Najurp, mas que eles deveriam deliberar com esse dinheiro limitado sobre como e onde usar.

As contribuições quanto aos problemas da escola começaram a surgir, para ajudar a organizar essas demandas uma integrante do Najurp foi até a lousa e escrevia tudo que eles diziam serem demandas. Em seguida, o grupo tomou dimensão do quanto de demandas eles tinham para uma verba pequena e limitada, a partir de então os estudantes escolheram quais demandas eram mais urgentes e que dariam para serem feitas com a verba de 100 reais.

Foi interessante observar que neste momento podemos ver uma maior organicidade e sentimento de pertencimento entre esse grupo de estudantes, em momentos conseguíamos ver que eles saíram dessa lógica de micro grupos para se tornarem um grupo só. Nas discussões, eles tentavam envolver as ideias de todos, até mesmo aqueles mais tímidos que só davam suas contribuições quando motivados individualmente a tal.

No final das deliberações, o grupo de estudantes decidiu que usariam o dinheiro vendendo comida na festa junina da escola, que nesta época que estava próxima, e assim aumentar o valor montante que eles tinham.

Por fim, terminamos a atividade falando que essa deliberação simulou o que os nossos governantes fazem e que a participação da sociedade civil nesse processo é importante porque é essa sociedade que vai levar as pautas de demandas.

A atividade nesse dia terminou com uma apresentação de um membro do Najurp sobre o direito de participação política.

### **Balanco geral dos dias**

Quanto à participação dos estudantes, percebemos que para alguns temas, como o de sexualidade, eles já tinham percepções e entendimentos anteriores e nesse contexto a atividade de assessoria foi no sentido de desenvolver, aprofundar, quando não oferecendo uma outra abordagem, mas sempre indo ao encontro daquilo que os jovens traziam de algumas percepções e conceitos. A ideia central aqui foi privilegiar as experiências, vivências e leituras de mundo deles e apresentar então as teorias para complementar ou talvez embasar alguma argumentação, trabalhando a ideia de que teoria e prática se complementam.

Já as temáticas que a maioria não tinham uma experiência anterior quanto percepções e entendimento, como a temática de raça, apresentamos conceitos básicos e dados históricos para que a partir de então eles pudessem iniciar uma reflexão sobre o tema. Esses dias foram

acompanhados de algumas poucas participações dos adolescentes, sendo essas participações feitas em forma de contribuição de exemplos aos conceitos trazidos por membros e membras do NAJURP.

Vemos com o decorrer dos encontros, a quantidade de secundaristas no curso foi diminuindo ao passo que a interação e inserção dos que permaneceram foi aumentando. Se no início precisávamos com uma certa insistência (em resposta a desconfiança deles) chama-los mais de uma vez para que pudéssemos ocupar a parte da frente do auditório onde nos reuníamos, uma vez que o espaço preferido deles era os cantos e o fundo, com grupos bem demarcados e separados, no último dia do curso não precisamos ser tão insistentes, a desconfiança era menor, eles confiavam, nos conheciam, os grupos bem demarcados e separados deram lugar a um grupo só que interagiam como tal.

## **Conclusão**

Dividimos a conclusão em três eixos: as percepções dos estudantes sobre o curso, as percepções do NAJURP sobre o curso e sobre os estudantes e as percepções do NAJURP sobre seu próprio desenvolvimento.

As percepções dos estudantes serão coletadas tanto por meio de uma pequena roda de conversa final, quanto por meio de um formulário anônimo de satisfação do curso, onde poderão avaliar os diversos aspectos do curso, além de darem sugestões. A coleta está prevista para o meio do mês de agosto.

O NAJURP viu o curso como uma oportunidade para melhorar sua relação interna e organicidade, de modo que trabalhamos com temáticas que, apesar de não serem exclusivamente novas para o grupo, demandaram toda uma nova didática para serem pensadas com o foco em jovens secundaristas, com a criação de dinâmicas em grupo e organização interna dos representantes responsáveis para levar cada dia.

Para o grupo, o desenvolvimento e a experiência foram extremamente quantitativos, e servirão para embasar a experiência de outras edições do curso de direitos humanos para jovens secundaristas em escolas públicas de regiões mais periféricas. Além disso, o trabalho com o grupo em questão, como já dito, permitiu uma análise mais crítica, pelo grupo, da cultura dos rolezinhos e do que leva à percepção desses jovens sobre o próprio evento.

## **Referências**

BERGER, William. *O Teatro do Poder e o Teatro do Oprimido: formas de resistência e intervenção social em Caieiras Velhas*. Aracruz, ES (2006-2011). 2012. 183 f. Dissertação

(mestrado) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SEVERI, Fabiana Cristina (org). *Relatório de direitos humanos: edição comemorativa: 5 anos do NAJURP* (Núcleo de assessoria Jurídica Popular da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto). Ribeirão Preto: FDRP, 2016. Disponível em: <http://www.direitorp.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/merged.pdf>.

SEVERI, Fabiana Cristina; FRIZZARIM, Nickole Sanchez (org). *Dossiê Rolezinhos: Shoppings Centers e violação de Direitos Humanos no estado de São Paulo*. Ribeirão Preto: FDRP, 2015. Disponível em: <http://www.direitorp.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/Dossi%C3%AA-Rolezinhos.pdf>